
T681

Machado, Anna Rachel, 1943-

Trabalhos de pesquisa: diários de leitura para a revisão bibliográfica / Anna Rachel Machado (coordenação), Eliane Gouvêa Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli. - São Paulo : Parábola Editorial, 2007

(Leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos ; 4)

Anexos

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-88456- 69-x

1. Pesquisa - Metodologia. 2. Bibliografia - Metodologia. 3. Relatórios - Redação. 4. Leitura. I. Machado, Anna Rachel. II. Lousada, Eliane. III. Abreu-Tardelli, Lília Santos. IV. Título: Diários de leitura para a revisão bibliográfica. V. Série.

07-0815

CDD 001.4

CDU 001.8

O registro das dificuldades de leitura e os procedimentos para sua solução

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Nesta seção, vamos discutir algumas das razões que nos levam a ter maior ou menor dificuldade na leitura de um texto e como isso pode e deve ser registrado no diário de leituras. Vamos começar com a leitura de um texto.

1. Leia o texto abaixo, de acordo com os procedimentos de leitura que já discutimos nas atividades anteriores: não se esqueça de verificar as referências bibliográficas e o título e, a partir deles, levante hipóteses sobre o tema do texto, sobre a posição do autor a respeito dele etc.

MEMÓRIA SOBRE A PESCA DAS BALEIAS

O primeiro de muitos trabalhos científicos de José Bonifácio foi lido em 1789 na Academia Real das Ciências de Lisboa. Era uma memória sobre a pesca e extração de azeite de baleia no Brasil. Os excertos abaixo permitem observar como essa sua iniciação já é marcada por uma atitude de crítica e uma disposição a propor soluções que lhe pareciam racionais, entre as quais ressaltava o fim do regime de monopólio e o estabelecimento de condições efetivas de concorrência, além de um manejo mais adequado das populações de baleia.

“As pescarias em geral têm, a todos os economistas políticos até ao dia de hoje, merecido longas e bem fundadas recomendações. Desde o começo do século passado, as nações marítimas da Europa abriram os

olhos sobre este ramo da indústria, tão interessante ao bem dos particulares como ao geral dos estados. Não precisa ter-se alguém empregado muito no estudo do comércio e da economia pública para entender quanto cumpre o fomentar as pescarias. Criadoras como a agricultura, elas sustentam a pouco custo os artífices e demais obreiros das fábricas e ofícios em que é preciso abaratar o trabalho por meio de uma cômoda subsistência. ...

A importantíssima e lucrosa pesca do bacalhau só aos ingleses em Portugal rende por ano mais de 700.000.000 de réis. ... Por que razão não buscam os portugueses aperfeiçoar a pesca da sardinha e do atum, e tirar dela o maior lucro possível? Nem hão de aproveitar o bacalhau do Minho, as pescadas e milhares de outros de que abundam nossas costas? As Ilhas de Cabo Verde, a costa de Angola e de Guiné, e o Brasil somente (de quem dizia o holandês *Pizon* na história natural daquele país que ... em abundância e excelência de pescado nenhuma região podia julgar mais afortunada) que de pescarias lucrosas não apresenta? As tainhas que em imensos cardumes nas suas migrações de agosto inundam as costas desde Santa Catarina até Cabo Frio, e de que há muitas de mais de 2 palmos; os bacalhaus do Rio São Francisco, Paranaguá, costa do sul da Bahia e costa de Santos; as cavalas, de duas espécies, e abundância de enchovas na costa do Rio de Janeiro; os muitos meros, de duas espécies e grandíssimos; as garoupas e pargos na Capitania do Espírito Santo; grande quantidade de sargos em Santos e Rio de Janeiro; e muitos outros pescados só esperam, para serem ramos importantíssimos de subsistência e aumento de povoação e de comércio, que um braço poderoso os fomenta e lhes tire os empecilhos. ...

Venhamos ... a falar da pesca das baleias, que já desde 1615 ... estabelecemos os portugueses no Brasil, e que para segurar dali renda certa ao Estado, julgou útil então o governo fazê-la um contrato exclusivo. Mas seja lícito dizer que me parece melhor para aumento das rendas públicas pôr certos direitos no produto da pesca da baleia e fabrico de azeite, e indenizar-se assim do emporte da arrematação, ou ao menos mudar-se o contrato.... O aumento e perfeição desta pesca necessita do aguilhão da emulação e concorrência; repartida pelos particulares, cada um tem interesse em aumentá-la e não se conserva em tão fatal imperfeição. Quando o preço da mercancia, por mais barato que seja, paga a despesa do vendedor, utiliza a todos; porque afora o aumento e melhoria do gênero, é princípio de economia política que a abundância e bom preço de qualquer mercadoria contribui necessariamente para a cópia e barateza das demais. ...

... sempre me lastimou, apenas me vi munido do estudo das ciências naturais, a lembrança das desordens que vi e observei em algumas das armações de baleias no Brasil. Mas que se pode esperar de fatores estúpidos e inteiramente ignorantes da arte de pescar baleias e modo de extrair o azeite e que teimosamente crêem não poderem dirigir-se melhor estas manobras, só porque eles as têm dirigido assim há muitos anos? E com esta prática que, por ser sua, entendem ter a perfeição última, se mostram tão vaidosos a quem os quer bem aconselhar como pela sua autoridade se portam desumanos com os, por essa desgraçados, pretos do contrato. ...

... o primeiro erro capital que encontro é, sem dúvida, não se estabelecerem novas armações em todos os sítios próprios, desde a Bahia até ao Rio Grande de São Pedro. Na costa da Capitania de São Paulo apenas existe a armação da Bertioga, na Vila de Santos. Assim, em perto de 80 léguas de costa, fertilíssima toda ela de baleias, apenas há uma e esta muito mal regulada. Que utilidades se não tiravam do estabelecimento de novas armações nas entradas e barras dos rios e nas baías, de que abunda toda a costa, onde vai ter imensidade de baleias que podiam ser apanhadas facilmente pelo pouco medo que tem de se chegarem à terra? ...

O segundo defeito, que faz diminuir muito o lucro que se pudera tirar desta pescaria é o pescarem somente nas barras e não se afoitarem os pescadores a dar caça às baleias ao longo das costas do Brasil e da América Espanhola para o sul.... Se aos anglo-americanos e ingleses faz hoje conta vir pescar nas costas do Brasil com tantas despesas de viagem, quanto mais lucro devemos esperar, nós que temos todos os cômodos e facilidades das armações e do país? Acrescento que, a haver nisto demora, os espanhóis nas costas desde o Rio Grande de São Pedro até ao Cabo de Horn, poderão interceptar ou diminuir esta pescaria.

Deve certo merecer também grande contemplação a perniciosa prática de matarem os baleiotes de mama para assim arpoarem as mães com maior facilidade. Têm elas tanto amor aos seus filhinhos que quase sempre os trazem entre as barbatanas para lhes darem leite, e se porventura os matam, não desamparam o lugar sem deixar igualmente a vida na ponta dos arpões; é seu amor tamanho que, podendo demorar-se no fundo da água por mais de meia hora sem vir respirar acima e escapar assim ao perigo que as ameaça, folgam antes expor a vida para salvarem a dos filhinhos, que não podem estar nem respirar por tanto tempo. Esta ternura das mães facilita, sem dúvida, a pesca e o método de matar

primeiro os baleiotes pequenos para segurar as mães, que enraivecidas muitas vezes viram as lanchas, parece visto a vulto excelente, mas olhado de perto é mau e trará consigo, a não se prover isso, a ruína total desta tão importante pescaria.

É fora de toda a dúvida que, matando-se os baleiotes de mama, vem:

I. a diminuir-se a geração futura, pois que as baleias por uma dessas sábias leis da economia geral da natureza só parem de dois em dois anos um único filho...., morto o qual perecem com ele todos os seus descendentes, II. que proveito pode tirar-se de um baleiote pequeno (ainda quando no Brasil se aproveitassem esses baleiotes) em comparação de uma baleia, que há chegado ao seu completo estado de crescimento?

III. os de dois anos, depois de desmamados, ficam magríssimos e apenas dão metade do azeite dos primeiros,

IV. as baleias mortas no tempo em que criam os filhos pouco fundem, pela extrema magreza em que se acham, e causa isso o irreparável prejuízo de ir-se anualmente diminuindo o número das fêmeas, crescendo à proporção o dos machos, que assim de nada servem. Eis aqui uma das razões por que as armações da Bahia e Rio de Janeiro estão abandonadas e, em geral, porque tem vindo grande quebra à pesca do Brasil, o que se também observa na Groenlândia...

Estas são as principais considerações que julguei devera manifestar para dar idéia dos numerosos erros cometidos na maneira de pescar baleias no Brasil. Talvez algumas delas pareçam à primeira vista fúteis, ou assaz dificultosas pela sua novidade e por isso fé não ponham em execução com tudo, não me desanimo e espero, razoadamente, que não suceda comigo o mesmo que há tantas vezes com outros sucedido. E, com efeito, o comum das gentes olha para as empresas novas com certo escárnio e desconfiança medrosa, e contanto que esteja de alguma maneira bem, não forceja para estar melhor. A atividade e brio nacional, o espírito ardido que impelia a longas navegações e estabelecimentos úteis, com que tanto nos distinguimos os portugueses... arrefeceu de todo e caímos em tal esmorecimento que, apenas lançamos mão de alguma coisa boa que nos mete à cara o acaso; e ainda isso nunca pela maior parte o melhoramos e aumentamos, como nesta pescaria se verifica.”

J. L. dos SANTOS (1988). *José Bonifácio*. São Paulo: Ícone Editora, p. 43-47.

2. Nesse texto, há alguma palavra, expressão ou frase inteira que lhe trouxe dificuldade de compreensão? Assinale-as no texto.
3. Qual ou quais das razões abaixo explicam a sua dificuldade?
- a. ☐ falta de clareza do autor;
 - b. ☐ falta de algum tipo de conhecimento necessário;
 - c. ☐ palavras pouco usuais;
 - d. ☐ frase muito longa;
 - e. ☐ pensamento muito abstrato do autor;
 - f. ☐ outra razão: _____
4. Você tentou solucionar sua dificuldade de algum modo? Se tentou, assinale, entre as alternativas abaixo, o que você fez para isso.
- a. ☐ procurei a palavra no dicionário;
 - b. ☐ procurei esclarecimentos na gramática;
 - c. ☐ relacionei o termo com outras palavras;
 - d. ☐ relacionei com o sentido geral da frase e do texto;
 - e. ☐ busquei ver se depois haveria algum esclarecimento dado no próprio texto;
 - f. ☐ relacionei com outros textos que já li;
 - g. ☐ perguntei a alguém;
 - h. ☐ não fiz nada, pois o texto seria discutido em sala de aula;
 - i. ☐ busquei ajuda na internet;
 - j. ☐ outra: _____
5. Em seu diário, aponte sua(s) dificuldade(s) de compreensão e o modo que encontrou (ou não) para resolvê-la(s).
6. Em quais dos trechos que se seguem o autor do diário menciona suas dificuldades de leitura? Sublinhe o(s) termo(s) ou frase(s) que o ajudou(ram) a perceber isso.
- a. ☐
- “Embora eu não seja a única pessoa no Sussex que lê Milton, pretendo anotar minhas impressões do *Paradise Lost* enquanto estou envolvida com ele. ‘Impressões’ define muito bem o tipo de coisa que me ficou na cabeça. Restaram muitos enigmas por compreender” [Virginia Woolf (1989). *Os diários de Virginia Woolf*. Trad. e seleção: José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, p. 38-39].

b. ()

“A partir da leitura do segundo texto, passei a tentar descobrir o que os dois possuíam de comum. Afinal de contas, por que lemos esses dois textos?”
(Diário de M., aluna de Jornalismo, 1992)

c. ()

“O texto de Jabor, talvez por pegar os exemplos que pega (Xuxa, Rosane, Zélia e Erundina) dificulte a compreensão e a coesão do texto. Elas chamam a atenção por si sós e fazem com que os argumentos sumam, sejam engolidos por elas”
(Diário de L., aluna de Jornalismo, 1992).

d. ()

Li um pouco ontem e desisti; agora terminei, mas, sinceramente, não sei o que escrever (...). Primeiro porque praticamente não entendi e segundo porque desanimei” (Diário de D., aluna de Jornalismo).

e. ()

...por que ‘Dénouement’? O que isto significa? (Diário de D., aluna de Jornalismo, em relação ao título do conto de Ivan Ângelo).

7. Que dificuldades aparecem nos trechos lidos? Em quais deles está especificado o motivo dessas dificuldades? Qual motivo é esse? Coloque as letras dos trechos nos parênteses correspondentes.

- () dificuldades de partes do texto sem a especificação do motivo;
- () dificuldades colocadas de modo global sem especificação do motivo;
- () dificuldade devida ao desconhecimento do significado de alguma palavra;
- () dificuldade devida ao desconhecimento dos objetivos de leitura;
- () dificuldade para encontrar a coesão do texto devido à forma de o autor colocar os argumentos.

O registro das reações diante do texto

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

Nesta seção, trabalharemos com as diferentes reações subjetivas que um texto pode nos despertar, uma vez que, ao lermos, estamos envolvidos na leitura por inteiro, e, como em outras circunstâncias, não é apenas a razão que nos guia. Também reagimos emocionalmente diante do mundo, diante da ação dos outros, diante dos textos.

1. **Leia os trechos dos dois diários que seguem e identifique a(s) reação(ões) que cada texto provocou nos diaristas. Coloque 1 ou 2 nos parênteses, conforme o trecho, podendo haver mais de uma reação para cada trecho.**
 - a. () prazer;
 - b. () curiosidade;
 - c. () desprazer;
 - d. () preguiça;
 - e. () desinteresse inicial;
 - f. () cansaço;
 - g. () questionamento das idéias do autor lido;
 - h. () interesse inicial pelo suporte em que o texto se encontra;
 - i. () interesse pelo objetivo do texto;
 - j. () rejeição às idéias do autor lido;
 - k. () tédio;
 - l. () dúvida sobre a atualidade do texto.

Trecho 1

“O título não me atraiu. ‘Amor só de letras’ parece indicar que será um romance. Eu odeio romances, pois me deixam entediada”

(trecho do diário de R. T., aluna do 1º ano de Ensino Médio escrito em 29/7/2005 sobre a crônica de Mário Prata: *Amor, só de letras*).

Trecho 2

“É do *site* do Estadão. Quantas pesquisas já não fiz nesse *site*. Foi muito útil, principalmente nos seminários. Dois mil! Faz algum tempo que este texto foi escrito e muita, muita coisa aconteceu de lá pra cá. Será que o texto não está meio ultrapassado? (...)”

Ah! Tava demorando... papinho culto, chato, digno até de ser pulado.

Ah! Agora sim! Entendo o que o texto quer! Num é chato, é até interessante. Nossa, meu primo vive nisso”

(trecho do diário de A. F., aluno do 1º ano de Ensino Médio escrito em 29/7/2005 sobre a crônica de Mário Prata: *Amor, só de letras*).

2. Os autores dos trechos dos diários anteriores justificam as reações que dizem ter sido provocadas pela leitura? Quais são as justificativas (se houver) que dão para elas? Numere os parênteses de acordo com os trechos dos diários acima (1 ou 2).

- a. () não gosta do gênero a que o texto parece pertencer;
- b. () não gosta do modo de apresentação “culto”;
- c. () gosta do lugar em que se encontra o texto devido a experiências passadas;
- d. () constata a data de publicação do texto;
- e. () outro: _____

3. Agora é a sua vez! Leia o texto a seguir e, à medida que for lendo, procure registrar as reações que ele vai provocando em você e o porquê dessas reações.

O senhor da lagoa

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro — Não é difícil localizá-lo. Na verdade, ele é mais fácil de ser olhado do que a própria lagoa. É visto até pelos povos estrangeiros que moram em outros lugares.

É o senhor não apenas da lagoa, mas de todo o Rio.

Não chega a ser objeto de culto, não pertence a nenhuma religião específica, embora tenha o visual e o nome do fundador de uma delas.

Sua carne é de cimento rude revestido de pequenas escamas, como as navas espaciais. Gigante de muitos metros de altura, com os braços abertos, não lembra uma cruz, lembra um abraço.

Tem fama de ser a maior estátua do mundo —e talvez o seja. Mas de tal maneira se integrou ao pedestal —um penhasco negro e formidável— que o conjunto é, de longe, o maior monumento criado pelo homem.

O carioca se habituou a ele e ele se habituou ao carioca. Incorporou-se à sua história e a seu anedotário. Ju-

deus, ateus, comunistas, budistas —se os há por aqui—, todos concordam que ele é a cara do Rio.

É o primeiro a enfrentar os nossos temporais, o primeiro a ouvir os tambores dos nossos morros na véspera do Carnaval, o primeiro a contemplar nossas enchentes e misérias, o primeiro a amanhecer em seu posto de trabalho para —como muitos outros cariocas— gastar o dia bestando, que a cidade é bela demais para se perder tempo com outras coisas.

Se for do nosso destino ser um dia destruídos por uma catástrofe, natural ou provocada, ele será a primeira vítima, o primeiro a morrer, com os seus imensos braços tentando proteger ou abraçar a todos nós.

É na lagoa que ele se reflete durante o dia e, fosforescente como uma sereia iluminada, passeia nas águas escuras pela noite.

Referência maior da cidade, é referência particular da lagoa. Todos o sabem ali, sempre o mesmo, oferecendo-se como símbolo, altar doméstico, âncora às avessas jogada contra o céu.

Folha de S. Paulo, 17 de agosto de 1996

4. Verifique quais foram as reações positivas e/ou negativas que o texto provocou em você. Compare suas reações com as de um colega. As reações provocadas foram as mesmas ou diferentes? Justifique.

O registro das relações estabelecidas pelo leitor entre o texto e suas experiências pessoais e entre o texto e outros objetos culturais

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

No processo normal de leitura, um bom leitor sempre estabelece relações entre o texto que estiver lendo com suas experiências pessoais, com outros textos, com filmes, com músicas, com qualquer outro objeto cultural a que tenha tido acesso. Isso faz com que a leitura fique muito mais rica e com que os conhecimentos que vamos adquirindo na vida não fiquem separados uns dos outros. Veja, por exemplo, o que Simone de Beauvoir diz a esse respeito:

“Minha atividade de leitora não consiste apenas em reunir os momentos de um livro, mas também de relacionar diversas obras que se corrigem reciprocamente, completam-se ou correspondem-se. (...) Faço assim com que apareça todo um mundo literário que se superpõe ao outro, o ultrapassa, o ilumina e enriquece; em certo sentido, esse mundo tem mais brilho e relevo”

S. de BEAUVOIR (1972). *Balanço final*. Trad.: Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

No diário de leitura, freqüentemente, essas relações são mencionadas e justificadas. Vejamos os exemplos da atividade que segue.

1. **Leia os trechos de diários e sublinhe as experiências pessoais que os autores relacionam com aquilo que lêem.**

Trecho 1

“Quinta-feira

Vejo (não me lembrava) que o narrador ouve Faustine falar do Canadá, do meu Canadá. Desde que me tornei um cidadão canadense, em 1985, gosto de encontrar referências ao Canadá em lugares inesperados, o que me tornou atento aos *Cês* maiúsculos nas páginas. Tenho consciência de que, para Bioy Casares, o Canadá é equivalente a Shangri-Lá, só que sem exotismo: mera distância, o arquétipo do lugar remoto. É curioso como os leitores formam o próprio texto reparando em certas palavras, em certos nomes cujo sentido é privado, que ecoam só para eles e passam despercebidos por qualquer outra pessoa.”

A. Manguel (2005). *Os livros e os dias, um ano de leituras prazerosas*. Trad.: J. G. Couto. São Paulo: Cia. das Letras, p. 32-33.

Trecho 2

“Te li num dia de Carnaval, ainda surpresa por ver que estava relendo minha autora favorita para um curso de pós! Como a vida dá voltas! (...) Só para te contar o baque que levei ao ler teu *Livro*! Foi reviver minha infância, cada momento que ganhava um livro teu, cada alegria e cada decepção! Ah, sim! Você me decepcionou muito! Depois de *A Bolsa Amarela* e *A Casa da Madrinha*, cada leitura era um medo de ... e se esse não for tão bom? E não era... para mim não era. O impacto que *A Bolsa Amarela* teve em minha vida foi inigualável a qualquer outro livro teu. *A Casa da Madrinha* chegou muito perto, acho que até se igualou, mas os outros, não.”

Diário de L. S. A. T. (2001), sobre trecho de L. BOJUNGA (1988). *O livro – um encontro com Lúcia Bojunga*. Rio de Janeiro: Agir).

Trecho 3

“O título do texto me remete a Ricoeur, que diz que a grande importância das narrativas é dar sentido ao caos, ao *non sense*. Nossa vida é um bombardeamento de informações e as narrativas nos dão a impressão de que há uma certa ordem entre causas e conseqüências. O mundo é reinventado porque é um mundo que nos oferece uma lógica, ou várias lógicas, possibilidades do ser humano.”

Diário de A. R. M. (2001), sobre discurso do escritor espanhol Javier Marías, com o título “O mundo reinventado pela ficção”, ao receber o Prêmio Literário Internacional Rómulo Gallegos em 1997.

Trecho 4

“Eu faço parte de um Corpo de Baile, e uma das nossas danças, que foi criação coletiva, se chama Ying Yang e mostra como a vida flui nesse sentido.”

Diário de L. M. S. (1992), sobre trecho do texto de P. LEMINSKY (1987). *A paixão da linguagem*, em que o autor aborda os conceitos de Ying e Yang, na filosofia chinesa.

2. **Leia o texto a seguir e, à medida que for lendo, vá estabelecendo relações entre o texto e suas experiências pessoais e registrando-as em seu diário.**

INTERPRETAR É COMPREENDER

RUBEM ALVES

“O que o autor queria dizer ao escrever esse poema?”. Essa pergunta é muito importante. Ela é o início do processo de interpretação.

Na vida estamos envolvidos o tempo todo em interpretar. Um amigo diz uma coisa que a gente não entende. A gente diz logo: “O que é que você quer dizer com isso?”. Aí ele diz de uma outra forma, e a gente entende. E a interpretação, todo mundo sabe disso, é aquilo que se deve fazer com os textos que se lê. Para que sejam compreendidos. Razão por que os materiais escolares estão cheios de testes de compreensão. Interpretar é compreender.

(...) “O que é que o autor queria dizer?” Note: o autor queria dizer algo. Queria dizer, mas não disse. Por que será que ele não disse o que queria dizer? Só existe uma resposta: “Por incompetência lingüística”. Ele queria dizer algo, mas o que saiu foi apenas um gaguejo, uma coisa que ele não queria dizer...

A interpretação, assim, se revela necessária para salvar o texto da incompetência lingüística do autor... Os poetas são incompetentes verbais. Felizmente, com o uso dos recursos das ciências da linguagem, salvamos o autor de sua confusão e o fazemos dizer o que ele realmente queria dizer. Mas, se o texto interpretado é aquilo que o autor queria dizer, por que não ficar com a interpretação e jogar o texto fora?

É claro que tudo o que eu disse é uma brincadeira verdadeira. É preciso compreender que o escritor nunca quer dizer alguma coisa. Ele simplesmente diz. O que está escrito é o que ele queria dizer. Se me perguntam

“O que é que você queria dizer?”, eu respondo: “Eu queria dizer o que disse. Se eu quisesse dizer outra coisa, eu teria dito outra coisa, e não aquilo que eu disse”.

Estremeço quando me ameaçam com interpretações de textos meus. Escrevi uma estória com o título “O Gambá Que Não Sabia Sorrir”. É a estória de um gambazinho chamado Cheiroso, que ficava pendurado pelo rabo no galho de uma árvore. Uma escola me convidou para assistir à interpretação do texto que seria feita pelas crianças. Fui com alegria. Iniciada a interpretação, eu fiquei pasmo! A interpretação começava com o gambá. O que é que o Rubem Alves queria dizer com o gambá? Foram ao dicionário e lá encontraram: “Gambá: nome de animais marsupiais do gênero *Didelphis*, de hábitos noturnos, que vivem em árvores e são fedorentos. São onívoros, tendo predileção por ovos e galinhas”. Seguiam descrições científicas de todos os bichos que apareciam na estória. Fiquei a pensar: “O que é que fizeram com o meu gambá? Meu gambazinho não é um marsupial fedorento”.

Octavio Paz diz que a resposta a um texto nunca deve ser uma interpretação. Deve ser um outro texto. Assim, quando um professor lê um poema para os seus alunos, deve fazer-lhes uma provocação: “O que é que esse poema lhes sugere? O que é que vocês vêem? Que imagens? Que associações?”. Assim o aluno, em vez de se entregar à duvidosa tarefa de descobrir o que o autor queria dizer, entrega-se à criativa tarefa de produzir o seu próprio texto literário.

(...)

R. Alves (2004). *Interpretar é compreender*. Folha On-line, Caderno Sinapse 27/04/2004. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u814.shtml>. Acessado em 5/01/2007.

3. Leia o que você escreveu em seu diário de leitura e identifique as relações que estabeleceu, assinalando-as nos parênteses.

Relações:

- a. () entre o que texto traz e uma experiência passada ou presente de sua vida ou a de um amigo;
- b. () entre o texto e um livro que você leu;
- c. () entre o texto e outros textos que você já leu;
- d. () com alguma aula que você assistiu;
- e. () com algum filme que você assistiu;

- f. () com algum trabalho escolar ou profissional que você deve desenvolver;
- g. () outra: _____

O registro das relações estabelecidas entre o texto lido e outros textos

PARA COMEÇAR A CONVERSA...

T

rabalharemos, nesta seção, com as relações que devemos estabelecer entre diferentes textos.

1. Leia os trechos abaixo, e sublinhe o que eles dizem sobre a relação que estabelecem entre um texto lido e outros textos.

Trecho 1

“Minha atividade de leitora não consiste apenas em reunir os momentos de um livro, mas também de relacionar diversas obras que se corrigem reciprocamente, completam-se ou correspondem-se. (...) Faço assim com que apareça todo um mundo livresco que se superpõe ao outro, o ultrapassa, o ilumina e enriquece; em certo sentido, esse mundo tem mais brilho e relevo”

S. de BEAUVOIR (1972). *Balanço final*. Trad.: Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Trecho 2

“Compreender é *com-preender* (*segurar junto, manter ligado*) e, para alguns estudiosos, a forma latina *legere* (ler) estava ligada ao grego arcaico *legein* (ligar, montar, dar uma forma significativa). Ler é ligar diferenças, esta-

belecer ligações. Sem ter essa noção presente, passa-se a viver a ilusão de que tudo o que é importante ou fundamental pode ser reduzido a um código binário para caber num computador”

Ana Maria MACHADO (1999). *Contracorrente, conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, p. 110-111.